



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)**

**PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)**

**BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

**JULIANA JACINTO NHANGA**

**AMORES ATLÂNTICOS:**

**O AMOR ROMÂNTICO E A EXPRESSÃO DOS SENTIMENTOS NAS  
RELAÇÕES INTERCULTURAIS NA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO  
INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB – CE)**

**REDENÇÃO - CE**

2023

JULIANA JACINTO NHANGA

**AMORES ATLÂNTICOS:**

**O AMOR ROMÂNTICO E A EXPRESSÃO DOS SENTIMENTOS NAS  
RELAÇÕES INTERCULTURAIS NA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO  
INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB – CE)**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades e Letras (IHL), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Daniele Ellery Mourão

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniele Ellery Mourão  
(Orientadora / IH UNILAB)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Maria Costa Bernardo  
(Examinadora / IH UNILAB)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joceny de Deus Pinheiro (Examinadora / IH UNILAB)

REDENÇÃO – CE

2023

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**AMORES ATLÂNTICOS:**

**O AMOR ROMÂNTICO E A EXPRESSÃO DOS SENTIMENTOS NAS  
RELAÇÕES INTERCULTURAIS NA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO  
INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB – CE)**

Data da aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Nota: \_\_\_\_\_

REDENÇÃO – CE

2023



### **Agradecimentos:**

A Deus (Jeová) pela sabedoria, aos meus pais e irmãos pelo apoio incondicional durante todo o meu percurso estudantil, e por depositarem credibilidade no meu potencial desde sempre. Gratidão especial vai para o maravilhoso projeto que é a nossa instituição UNILAB, por tornar possível sonhos de várias pessoas que constituem os países da CPLP, obrigada amigos e amigas, professores e professoras, a minha amada orientadora Danielly Ellery Mourão e colegas pelo lindo trajeto que compartilhamos nessa caminhada da vida estudantil. Agradeço, ainda, o grande apoio que Ismayelanne Eufrásio Firmino e Alexssander Gomes deram ao filme ao nos conceder o espaço de sua casa para algumas gravações, e a todos os entrevistados(as).

### **Entrevistados:**

- **Alessander Patrick Correia Gomes**, homem preto, natural de Cabo-Verde, cursa Sociologia na UNILAB, namora uma brasileira (Ismayelanne Eufrásio Firmino);
- **Ana Cassia Alves Cunha**, mulher preta, natural do Brasil, nordestina e cearense, cursa o Mestrado Interdisciplinar em Humanidades na UNILAB, namora um angolano;
- **Eliana Elisa Francelino Mave**, mulher preta, natural de Moçambique, cursa Engenharias de Energias na UNILAB, namora um brasileiro;
- **Veronica Jose da Silva (Vicky)**, mulher preta, natural de Angola, cursa o curso de Sociologia na UNILAB, é casada com um cabo-verdiano;
- **Hamilton Francisco Catra**, homem preto, natural de Angola, cursa Física na UNILAB, namora uma brasileira (Ana Cássia);
- **Talia Ferreira Da Silva**, mulher branca, natural do Brasil, cursa Antropologia na UNILAB, namora um guineense.

### **Ficha técnica:**

Direção, pesquisa e roteiro: **Juliana Nhangá**

Fotografia e Som direto: **Daniele Ellery e Juliana Nhangá**

Edição: **Francisco Lucilano da Silva**

## Trilha musical original “City”: **Alexssander Gomes**

### **Resumo:**

O presente trabalho pretendeu refletir sobre as relações afetivas interculturais e a expressão dos sentimentos entre pessoas heterossexuais de nacionalidades diferentes na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab-CE). Abordou os aspectos subjetivos e sociais acerca dos sentimentos, com foco no amor romântico para discutir como se dão os relacionamentos amorosos por diversas nacionalidades diante das pressões sociais e familiares na escolha do/da parceiro/a “ideal”. A pesquisa se deu por meio da realização de um audiovisual que observou os desafios vivenciados por casais interculturais como os choques culturais, as tensões raciais e conflitos identitários e de gênero, além dos aspectos positivos como as trocas de aprendizados, com o agregamento de novos saberes e valores culturais e as profundas relações de afeto. Por meio de uma pesquisa qualitativa realizada com discentes da Unilab de diversas nacionalidades, e de pesquisas bibliográficas, o filme documentário “Amores Atlânticos” foi produzido partindo do pressuposto que as emoções também são construções sociais e que, portanto, hábitos, costumes, sentimentos, imposições e padrões culturais/sociais serão vividos e expressos de formas diferentes em diversas sociedades.

**Palavras-chave:** amor romântico, trocas afetivas, emoções, cultura, influências sociais.

## INTRODUÇÃO

O relatório de audiovisual aqui apresentado pretende refletir sobre as relações afetivas interculturais e sua expressão, entre pessoas de nacionalidades diferentes, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab-CE). Aborda os principais temas que foram discutidos no filme documentário realizado como os aspectos subjetivos e sociais acerca dos sentimentos, com foco no amor romântico, além de evidenciar como o documentário foi produzido a partir dessas questões. Desse modo, “Amores Atlânticos”<sup>1</sup> traz os desafios postos às relações amorosas interculturais como, os choques culturais, as tensões raciais e conflitos identitários e de gênero, além das trocas de aprendizados (com o agregamento de novos saberes e valores culturais), as profundas relações de afeto e a construção de famílias. Por meio de uma pesquisa qualitativa realizada com discentes da Unilab de diversas nacionalidades, e também por meio de pesquisas bibliográficas, pretendeu-se entender como as emoções também são construídas socialmente, partindo do pressuposto que hábitos, costumes, sentimentos, imposições e padrões culturais e sociais serão experienciados de formas diferentes em diversas sociedades. Com isso, buscou-se discutir como se dão esses relacionamentos amorosos diante das pressões sociais e familiares que, muitas vezes, pretendem ditar a escolha do/da parceiro/a “ideal”, sobretudo no caso das mulheres.

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/CE) é uma universidade intercultural que propõe a integração internacional em suas diretrizes, contando com a presença de estudantes de diversas nacionalidades de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), guineenses, angolanos, cabo-verdianos, são-tomenses, moçambicanos, além dos timorenses e brasileiros. Existem, portanto, vários pontos que esses estudantes partilham em comum, pois convivem no mesmo círculo acadêmico, em salas de aula, espaços de estudo, de alimentação como nas cantinas e restaurantes universitários, pátios, espaços de convivência, auditórios, entre outros. No entanto, no cotidiano é possível perceber também uma construção de diferenças tanto entre os próprios estudantes de diversos países do continente africano,

---

<sup>1</sup> O trabalho de conclusão de curso aqui apresentado foi desenvolvido no projeto de pesquisa (Edital 02\_2022 PROPPG/Unilab), em que sou bolsista, intitulado “Travessias afetivas: narrativas de mulheres sobre o amor no trânsito entre África/PALOP e Brasil”, sob a orientação da professora doutora Daniele Ellery Mourão.

como entre os estudantes internacionais e os brasileiros. Essas diferenças, podem se expressar tanto de forma negativa, em choques culturais, tensões identitárias e raciais e de gênero, como também de forma positiva, quando ocorrem interações afetivas (amorosas ou de amizade), com profundas trocas de saberes e aprendizados.

É possível constatar dentro da Unilab a existência de relacionamentos amorosos entre pessoas de nacionalidades diferentes, embora, na maioria das vezes, são as pessoas de mesmas nacionalidades (ou pelo menos do mesmo continente) a tomarem a iniciativa de ter um relacionamento amoroso. Outra constatação é de que vemos mais os homens do que mulheres africanas namorando com pessoas de nacionalidades diferentes. Por exemplo, é difícil encontrar, uma angolana, uma guineense ou moçambicana namorando um brasileiro ou mesmo um cabo-verdiano, são-tomense, etc., sendo que o contrário é bem mais comum, revelando que os rapazes são muito mais livres em suas escolhas afetivas. Desse modo, o interesse em entender como se dão os relacionamentos afetivos amorosos entre pessoas de nacionalidades diferentes, e quais são os desafios enfrentados pelos casais, parte do pressuposto que hábitos, costumes, imposições e padrões culturais/sociais serão vividos de formas diferentes nas diversas sociedades.

- **OBJETIVOS**

- **Objetivos Gerais**

- Refletir sobre as relações afetivas interculturais e a expressão dos sentimentos entre pessoas de nacionalidades diferentes, brasileiros e de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab-CE).
- Compreender o conceito de amor romântico, observando quais desafios são postos às relações amorosas entre pessoas de nacionalidades diferentes, tendo em vista as pressões sociais e familiares, os choques culturais, a questão racial e de gênero.

- **Objetivos específicos.**



- Identificar se existem relações românticas (namoros, casamentos) interculturais (entre pessoas de nacionalidades diferentes) na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/CE).
- Identificar comparativamente como se dão as relações românticas interculturais e a expressão de afetividades em público (beijos, abraços e carícias) entre os/as estudantes e o que essas representações de sentimentos tem a ver com padrões culturais das distintas sociedades.
- Identificar quais são as dificuldades enfrentadas pelos casais na relação com os amigos (as) e familiares de ambas as partes, abordando as trocas culturais e de aprendizados, mas também e os conflitos identitários, raciais e de gênero, com os racismos, e as pressões sociais visivelmente colocadas mais para as mulheres na escolha de seus parceiros para namorar ou casar, desse modo, com um pressuposto de que há um controle bem maior imposto às mulheres por parte da família e da sociedade.

## **JUSTIFICATIVA**

O interesse pelo tema do amor romântico nas relações interculturais na UNILAB, com a proposta de produção de uma pesquisa em audiovisual, partiu primeiramente de uma motivação pessoal ao observar como os brasileiros e brasileiras demonstram afetos em público, de forma bem diferente como ocorre em meu país, Angola. Outro ponto foi perceber que havia uma escassez de informações que falassem sobre os relacionamentos afetivos interculturais entre brasileiros (as) e africanos (as) na UNILAB e que focassem também no ponto de vista das mulheres. Quer sejam por abordagens bibliográficas quer no audiovisual, não encontrei muito material produzido que retratasse como são essas vivências, e quais fatores podem ou não influenciar um indivíduo na escolha de alguém com quem se relacionar amorosamente, casar, ter filhos ou não, entre outros aspectos que poderiam se impor como desafiadores a essas uniões, como pensar onde vão morar, em qual país, as pressões familiares e sociais na escolha dos parceiros que se colocam muito mais às mulheres. Além disso, observar as situações presenciadas no ambiente de estudo na Unilab e no cotidiano da cidade de Redenção, partindo de uma visão

comparativa de como as pessoas namoram, como são demonstrados os afetos românticos entre os casais nacionais, interculturais, e os internacionais, instigou-me vários questionamentos sobre o modo como se deve ou não ser demonstrado os sentimentos, como trocas de carícias, beijos e abraços em público. Ficava evidente muitas diferenças naquilo que são as formas de demonstrações dos sentimentos entre as distintas sociedades, e com isso, as perguntas que me instigaram eram várias: será que o fato de os casais internacionais não terem o costume de demonstrar carinho (beijos, abraços, carícias em público significaria que os mesmos não são românticos? Seriam essas diferenças nas demonstrações afetivas algum motivo ou objeção para não haver tantos relacionamentos interculturais na Unilab, sobretudo em relação às mulheres internacionais que raramente namoram brasileiros e/ou rapazes de nacionalidades diferentes do próprio continente africano?

Para alguns/as estudantes de países africanos (homens e mulheres) recém-chegados ao Ceará, trocar carícias em público pode causar muita estranheza, podendo até ser considerado “desnecessário” e "vulgar". Por isso a ideia de questionar como são ou se dão os relacionamentos interculturais da Unilab, observando se existiria alguma preferência ou pretensão por parte dos estudantes em se relacionar amorosamente com alguém com quem compactuam a mesma nacionalidade. E, se sim, quais motivos influenciariam? Será que o gênero seria um fator impactante para que surgisse ou não um relacionamento amoroso intercultural?

O filme etnográfico produzido pela professora Daniele Ellery, minha orientadora nesta pesquisa, intitulado: *Do Outro Lado Do Atlântico* (Doc. 90min. Brasil/Cabo Verde. 2016), com estudantes dos PALOP no Brasil, apresenta narrativas de pessoas de vários países de África de Língua Oficial Portuguesa que fizeram seus cursos superiores no Brasil (especificamente no Ceará, em Redenção, em Fortaleza, e no Rio de Janeiro). Em Redenção os estudantes eram da UNILAB e suas narrativas revelavam como se sentiam ao chegar no interior do Ceará, os imaginários entre os dois lados do Atlântico cheios de estereótipos de ambos os lados, o racismo, mas também os aprendizados e as trocas afetivas que ocorriam a partir dos encontros entre eles (as). No filme as relações afetivas também aparecem, sobretudo quando vemos dois estudantes internacionais casados com duas brasileiras. Um são-tomense e uma mulher branca (cearense), e um cabo-verdiano e uma mulher negra (carioca) trouxeram questões distintas sobre os desafios postos aos seus relacionamentos interculturais e inter-raciais. Mas em nenhum momento do filme vemos uma mulher africana que se relacionou afetivamente com um

brasileiro, uma vez que é bastante difícil encontrar uma união assim. Apenas em um outro filme da mesma diretora, *o Partir, Permanecer, Regressar*, (Doc. 30min. Brasil. 2018), temos um relato mais específico sobre esse tema, quando uma cabo-verdiana diz ter namorado um francês, mostrando que se sentiu pressionada socialmente, por ambas as partes, pelos próprios cabo-verdianos amigos dela, mas principalmente pelas amigas francesas do namorado. Na fala da personagem percebemos que, no caso francês, as críticas em relação ao casal tinham a ver com racismo, embora ela tenha dito que não achou que era “bem um racismo”.

Entretanto, foi a partir das minhas observações cotidianas, como estudante na Unilab, que gerou a curiosidade em compreender os relacionamentos entre pessoas de nacionalidades diferentes, observando as questões culturais, sociais e familiares que são infligidas aos casais e que, muitas vezes, têm relação com construções sociais, culturais, étnico-raciais e de gênero. Desse modo, a pesquisa em formato audiovisual, pretende contribuir grandemente para a desconstrução de estereótipos que ainda existem nas sociedades, e também na Unilab com relação aos países africanos que constituem a mesma. Almeja possibilitar uma maior compreensão acerca das diferenças e semelhanças, através do diálogo aprofundado com os (as) interlocutores (as) entrevistados (as) acerca das dificuldades, mas também das possíveis vantagens e pontos positivos que podem surgir dentro de um relacionamento romântico intercultural.

Desta feita, surgiu a necessidade de se buscar entender as razões por detrás, e identificar se essas “preferências” que alguns/as estudantes dizem ter quando escolhem seus/suas parceiros/as se baseiam em alguma pressão social e cultural, que, vai atingir com muito mais profundidade as mulheres do que os homens. Quais os impactos acarretaria para as relações afetivas interculturais, se for uma africana a namorar com um estudante brasileiro, ou de outros países do continente africano? Com quem se pode manter um relacionamento amoroso romântico sem sofrer tanta pressão social da sua comunidade e familiares? Quais são os sentimentos que são valorizados dentro dos relacionamentos interculturais tendo em conta as diferenças culturais? Que fatores influenciam os/as estudantes na escolha de um relacionamento amoroso? O que é esperado e/ou imposto pelas famílias é algo que pode influenciar nos relacionamentos, mesmo com a distância de casa?

Por meio da pesquisa, com essas questões em mente e abertas a outras que possam surgir na relação com os (as) interlocutores (as), adentrei o campo de pesquisa para então compreender as questões citadas acima e até que ponto as construções sociais e

culturais podem influenciar e/ou moldar as relações afetivas/amorosas, também no contexto diaspórico, estabelecendo inclusive, critérios de como se deve ou não expressar os sentimentos românticos em público (carícias, beijos, abraços, andar de mãos dadas), como formas que demonstram que aquele casal tem um relacionamento.

### **PERSPECTIVAS TEÓRICAS**

Buscando refletir sobre o amor, algumas autoras e autores foram importantes para pensar a relação dos sentimentos com o social e o cultural. Ao ser introduzida à leitura de Rezende e Coelho (2010), acerca da Antropologia das Emoções, observou-se como as emoções também são construídas socialmente, surgindo uma outra maneira de olhar para a subjetividade e os sentimentos como algo que é em parte também construída por meio de negociações sociais. Os sentimentos são apresentados pelas autoras como não universais, quando elas afirmam que não haveria uma única maneira de sentir e expressar sentimentos como amor, raiva, nojo, ansiedade, saudade. Inclusive, elas ressaltam que algumas emoções nem vão existir como conceito, da mesma forma, em todas as sociedades. De acordo com Rezende e Coelho(2010), o senso comum Ocidental propaga a ideia de que alguns sentimentos têm uma natureza universal (essencialista), frequentemente sendo relacionados ora como instintos ora como exclusivos à experiência individual. Entretanto, de acordo com a perspectiva das autoras, os sentimentos têm uma grande influência social.

Assim, os temas em questão permitem uma reflexão sobre a construção social das emoções, aliados à uma perspectiva interseccional, como analisado por Crenshaw(2002), que nos permite entrecruzar as categorias de raça e gênero (incluindo aqui a nacionalidade) para pensar as mais diversas formas de apagamentos e silenciamentos das mulheres, sobretudo de mulheres negras. Nesse sentido, questiono se diferentes mulheres, de nacionalidades, contextos sociais e classes sociais distintas, brancas, negras, de países dos PALOP e do Brasil deveriam sentir, vivenciar e expressar sentimentos da mesma forma, ou se seria possível falar em uma mulher universal. Acredito que não.

Desse modo, colocou-se a necessidade de interrogar a categoria mulher como não universalista. Oyèwúmi (2000), por meio do seu estudo sobre a constituição de famílias, traz uma discussão sobre o local da mulher como esposa nas teorias feministas ocidentais, argumentando que as mesmas diferem das teorias e realidades africanas. A autora expõe que o modelo ocidental de família é a da família nuclear

euro-estadunidense vista como privilegiada em relação às outras formas de família. Assim, ela critica a posição do feminismo ocidental na compreensão da mulher dentro da estrutura familiar afirmada como padrão, na qual a mulher restringe-se a ser definida como esposa. Visto ainda que o modelo ocidental se concentra na existência somente da mulher branca enquanto agente do meio social, Oyèwúmi (2000) possibilitou levantar questões sobre o lugar das mulheres não-ocidentais na família e fora dela.

A escritora moçambicana Paulina Chiziane (2004, p.200) por seu lado, afirmou que “Nós, mulheres, somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo, pelo meio social, pelas ideias fatalistas que regem as áreas mais conservadoras da sociedade”. Com isso a autora nos propõe pensar sobre a imagem de mulher que é construída enquanto um padrão Ocidental, no qual imprime às mulheres condições específicas de ser mulher e de exercer sua feminilidade que muitas vezes as mulheres não-ocidentais não se encaixam e nem se sentem representadas. Chiziane (1994, p.204), ainda afirmou que: “Se as próprias mulheres não gritam quando algo lhes dá amargura da forma como pensam e sentem, ninguém o fará da forma como elas desejam”.

Algumas questões trazidas pelas autoras, foram importantes para construir o projeto de pesquisa do qual sou bolsista e de onde parte a minha pesquisa aqui defendida, o que possibilitou pensar nos desafios enfrentados por jovens estudantes africanas e brasileiras em seus relacionamentos afetivos interculturais, com ou sem formação de famílias, com ou sem filhos/as.

Sobre o amor, destaco a leitura de Renato Nogueira (2020) em “Porque Amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor”. O autor analisa o amor de forma profunda a partir de seu surgimento, buscando mostrar como pensadores, intelectuais, filósofos definiram esse sentimento, observando ainda as mais diversas abordagens de seu surgimento, presentes nas mitologias europeias, indígenas e africanas. Nogueira nos permite refletir sobre o amor de forma processual e histórica, passando pelo amor romântico, o platônico, o poliamor, ao amor como uma maneira de sobrevivência, que envolveria toda a comunidade, ou como sentimento que permite a manutenção de riquezas. Dessa leitura, destaco o prefácio de Djamila Ribeiro, quando ela afirma que a palavra amor se repercute constantemente em nossas falas, mesmo que sendo ditas inconscientemente do seu significado, chegando, portanto, a naturalizar tal sentimento, e afirmando, que a realização pessoal, sobretudo no caso das mulheres, depende de termos alguém como complemento (cônjuge), caso contrário, a mulher será vista como problemática, apática e fria.

Sobre a condição feminina no amor, Djamila diz que o que se caracteriza como felicidade nas sociedades machistas são ideologias que colocam as mulheres nas posições de subalternidades, e/ou como um mero objeto de realização e satisfação dos prazeres, em que elas não podem escolher quem se ama. Entretanto, ela ainda afirma, com base em pesquisas do IBGE, que as mulheres negras são as mais comprometidas, que sofrem mais as consequências da sociedade machista e racista, sendo mais preteridas, abstendo-se de relacionamentos e de contato sexual.

Com relação às demonstrações dos sentimentos, Djamila defende que não existe uma lei universal para codificar como devem ou não ser demonstrados os sentimentos românticos, e que as características esperadas por algumas sociedades não serão as mesmas que em outras, do que seriam demonstrações de amor: interesses em comum, compatibilidade psicológica, atração sexual, afinidades, e capacidades de conviver. Dessa perspectiva, quando se trata de demonstrar o amor, não existiria uma lei universal que fosse vista como certa ou errada, ou seja, pode ser: com ou sem apego, entretanto, a ideia ter um jeito certo ou errado de amar é complexa porque ficou evidente que o amor e suas demonstrações podem variar de diversas maneiras de sociedade para sociedade e até mesmo entre homens e mulheres de uma mesma sociedade.

No prefácio, a autora ainda compara o ato de amar com o fazer político, dizendo que acarreta desafios na intimidade afetiva-sexual como o desejo, e que o amor é um sentimento que pode acabar quando não existe reciprocidade. Ou seja, segundo ela, para que surja o amor é necessário que haja admiração, e interesses em comum. Penso que tais características do amor, assinaladas pela autora, como a admiração e a reciprocidade, poderiam também acontecer entre pessoas pertencentes a nacionalidades diferentes, embora, durante a pesquisa exploratória realizada para a escrita desse projeto, no diálogo com os (as) interlocutores (as), pude perceber que as particularidades na forma de vivenciar as relações amorosas, que são construídas por padrões sociais, podem também, em alguns momentos, ser bem conflituosas nas relações interculturais.

Já o artigo de Viveiros de Castro e Benzaquem (1997), baseado na mitologia científica sobre os fatos da tradição ocidental, buscou entender o conceito do amor romântico por meio das mudanças nas relações sociais construídas no Ocidente, analisando a passagem da sociedade de corte para a formação do Estado. Os autores discutem o amor por meio do romance *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, mostrando como foi possível identificar uma ruptura com relação às normas impostas aos indivíduos pela tradição ocidental durante um determinado período histórico, muito

focado na força das famílias (no social) tal como se consegue observar com a citação abaixo Viveiros de Castro e Benzaquem (1997, p.15)

Já no começo da peça, (I-1, p.27) Romeu, ainda apaixonado por Rosalina, amor não correspondido, responde a seu primo Benvolio: “Este que vês aqui, não é Romeu. Esse está bem distante. Eu não sou eu! ”. Este é um tema recorrente: o amor implica perda de identidade; social, em um primeiro momento, pessoal, como se verá em nível mais profundo. No famoso diálogo do balcão, em que Romeu e Julieta se descobrem mutuamente apaixonados, isto se repete: (VIVEIROS DE CASTRO & BENZAQUEM, 1997, p.15)

Nesse trecho do texto Romeu e Julieta e a Origem do Estado, os autores dialogam com as reflexões acerca do amor romântico mostrando que o mesmo implicaria uma perda de identidade social, ou seja, debatem como as relações individuais ultrapassaram os padrões que se estabeleciam nas sociedades antes da formação do Estado. No exemplo da sociedade de corte, o que predominava eram as relações familiares, na qual eram as famílias que ditavam aos seus membros com quem poderiam casar ou não, relações conjugais vão se formar por interesses sociais e políticos das famílias. Esse padrão ainda existe dentro de algumas culturas africanas, penso se isso não se repercutiu em várias sociedades, onde o indivíduo cresce já ciente de um padrão que deve seguir na escolha de um parceiro ou parceira. Assim, no caso analisado aqui, tendo no indivíduo uma força determinante em diversas sociedades (na contemporaneidade), observo que os contatos entre culturas distintas ao longo dos tempos históricos provocaram muitas mudanças nas noções de indivíduo e sociedade no que se refere também à forma como as pessoas se relacionam amorosamente.

Atualmente as pessoas buscam realizar seus desejos amorosos e, muitas vezes, em diversas sociedades, se contrapõem às regras ditadas pelas famílias, e pela tradição. Em Angola, percebe-se que hoje os jovens tendem a escolher com quem se relacionar, mesmo pessoas de diferentes etnias se relacionam nos namoros e casamentos (embora algumas famílias possam querer influenciar nessas decisões). As possibilidades de escolha, são realidades que outrora pouco se via, porque os relacionamentos amorosos eram sempre arranjados por interesses familiares, ou por regras tradicionais postas pelas etnias que impediam casamentos mistos entre etnias diferentes.

Retornando para as reflexões do texto de Viveiros de Castro e Benzaquem (1997), questiona-se como uma história de um amor que surgiu num ambiente de ódio

violento entre famílias inimigas, tornou possível que os indivíduos (o casal apaixonado) decidissem sobre seus próprios destinos? Como foi possível tal ruptura com os padrões sociais da época? Independentemente das desigualdades familiares *Romeo e Julieta* queriam ficar juntos e lutaram por isso a ponto de morrerem pelo seu amor/desejo. Houve assim um desfecho trágico dos conflitos sociais causados pela vontade individual. Para Viveiros de Castro e Benzaquem (1997):

O amor [“romântico” no ocidente] é uma noção que designa, na linguagem corrente, uma modalidade de “afeto”, ou “sentimentos”; designa também relações sociais em que predominaria o componente afetivo ou emocional, o qual, por sua vez, estaria associado à ideia de escolha, de opção individual. A tal tipo de relações se costuma opor às relações marcadas pela obrigatoriedade, sancionadas por códigos exteriores ao indivíduo (protótipo: relações de trabalho e com os poderes estatais). Tal distinção não é estranha à antropologia que, ao opor classicamente indivíduo e a pessoa [eu social], postula um “Eu” social, feixe de direitos e deveres (ver exemplos em Goodenough 1965, o. 4, e Pitt-Rivers 1973, p. 102). Tal distinção está longe de ser clara, e já Mauss mostrava a base e a expressão social dos sentimentos, bem como a dificuldade em se separar psicologia (“Eu” individual) e a sociologia (“Eu” Social) - ver Mauss [1921] 1969, e [1924] 1950. (VIVEIROS DE CASTRO & BENZAQUEM, 1977, p. 132).

De acordo com os autores, houve uma transformação social na relação indivíduo e sociedade e a experiência do amor romântico como um sentimento que passou a se contrapor às barreiras colocadas pela sociedade por meio de uma nova ideia de indivíduo. Retira-se a força das famílias em definir as uniões entre os filhos, de ficarem juntos ou não, tomando uma potência de decisão individual. Assim, os apaixonados de Shakespeare decidem ficar juntos mesmo sabendo que podem enfrentar vários conflitos. Por meio do romance os autores mostraram que esse tipo de amor implicaria em uma perda da identidade; “num primeiro momento, pessoal, e depois social”, com uma ideia de amor como escolha individual, e sentimento que estaria para além das fronteiras (territoriais, políticas, religiosas, etc), quando *Romeo e Julieta* não aceitam as barreiras impostas pela sociedade, por isso, visto como “cego”. Isto é, seu domínio se limitaria apenas na junção dos indivíduos, que, segundo Viveiros Castro e Benzaquem, antropológicamente falando, se definem em dois diferentes tipos de eu: o eu individual, onde o indivíduo baseia suas ações nos sentimentos e emoções, diferente do eu social, que acarretaria deveres e direitos que serão permissíveis ou não. Olhando dessa



perspectiva, meu interesse na pesquisa foi aprofundar mais no conhecimento dessa temática subjetiva que remete às muitas ligações interpessoais entre pessoas de nacionalidades diferentes que, ao se relacionarem afetivamente, acabam se deparando com questões específicas de cada cultura, lugar, nacionalidade, com questões raciais e de gênero, que, muitas vezes, se impõem como conflitantes aos relacionamentos.

Sobre o tema dos sentimentos, Mauss (1992) em “*A expressão obrigatória dos sentimentos*”, demonstrou que não existe um determinado padrão (único) do certo ou errado quando se trata da expressão de sentimentos. Com o autor, compreendemos que diferentes sociedades valorizam e expressam de formas diferenciadas as emoções. Como choram, amam, temem, casam, enterram os seus entes queridos, ou expressam alegrias, dores e tristezas, serão diferentes em distintos contextos sociais e culturais, portanto, não havendo uma única maneira de experimentar os sentimentos. Ele nos mostra essas especificidades por meio da análise dos funerais que examinou em populações nas Américas do Norte e do Sul.

De acordo com Mauss, um mesmo sentimento e sua expressão pode ser valorizado e esperado em uma sociedade e desvalorizado em outras. Em alguns funerais que ele observou se espera que as demonstrações de dor sejam por meio de choros, gritos e danças (dessa leitura, percebi algumas semelhanças com os funerais em Angola), mas em outras sociedades a forma de demonstrar os sentimentos de dor pode não ser através de danças, gritos ou choros, sendo algo que deve ser expressado de forma mais contida e polida, pois sua expressão mais dramática não é valorizada. Isso não significa que não sejam sentidos e expressados, mas sim que são vividos socialmente de formas diferentes. Ao falar da expressão obrigatória dos sentimentos como construída socialmente, Mauss afirmou:

Não são fixados somente os tempos e condições da expressão coletiva dos sentimentos, mas também os agentes da expressão. Estes não berram e não gritam só para expressar o medo, a ira ou a dor, mas porque são encarregados, obrigados a fazê-lo. (MAUSS, 1921, p. 150).

A citação acima indica que as demonstrações de sentimentos são um fenômeno social, ou seja, os sentimentos podem ser predefinidos pelos padrões de uma determinada sociedade, e que geralmente, variam de um lugar para o outro. E que a sociedade impõe com “obrigatoriedade” (padrão social) quais as demonstrações serão aceites para determinados sentimentos, quer sejam de dor, alegria, amor, entre outros, e

que os povos negociam socialmente e historicamente tais costumes, regras sociais, hábitos que, são incorporados e entendidos como valores culturais e marcas de identidade cultural, como uma ação simbólica, fazendo parte de uma construção coletiva/social.

Segundo as afirmações de Mauss (1979) as expressões coletivas de sentimentos, como ações simbólicas, seriam mais que simples formas de manifestações. Por carregarem um valor moral, podem ser entendidas como linguagem:

Mas todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagem. Os gritos são como frases e palavras. É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica (MAUSS, 1979, p.153).

Mas sabemos hoje que a cultura não é fixa e nem homogênea. Segundo Barth (2005, p.22-23), a cultura tem diferentes variações: controle, apagamento, e o silenciamento, que ocorrem muito em situações de poder de um grupo sobre o outro, como em casos de colonização, ou de um país rico que estigmatiza ou impõe seus padrões a outros grupos imigrantes. Já o apagamento se dá quando aprendemos novos códigos incorporamos aos nossos num processo de ressignificação. É necessário então observar as relações de poder dentro das relações, uma vez que é a parte mais frágil que acaba abrindo mão dos seus modelos em favor dos mais fortes.

Nesta pesquisa foi privilegiado, de acordo com a perspectiva de Barth (2005), refletir sobre os contatos e as relações amorosas entre os estudantes, a partir do conceito de interação (que traz a ideia de troca), invés de integração (que supõe muito mais uma ideia de adaptação/incorporação/assimilação). Desse modo, investiu-se num olhar acerca dos conflitos e das relações de poder (que não podem ser negligenciadas), mas também sem esquecer as trocas de aprendizados e processos de mudanças entre os casais, como recriação, reelaboração, reformulação cultural, sem privilegiar o conceito de adaptação.

A cerca da cultura ser um fator preponderante ou não, Barth (2005) nos fala do conceito de cultura como um “agente moldador” que cria um modelo no indivíduo que resulta na auto-identificação diante dos acontecimentos da vida social, identificando os

obstáculos. No que concerne à cultura, por meio da leitura de Barth, entendo que é um conceito criado onde os povos, etnias, atribuem seus princípios e valores.

Existem várias sociedades ao redor do globo, cada uma apresenta as suas particularidades ou variações culturais que são constituídas por processos contínuos e históricos de mudanças, condicionadas por situações das quais estão presentes relações de poder, controles, silenciamentos, apagamentos, mas também diversos aprendizados. Essas mudanças se revigoram, segundo Barth, principalmente, quando há presença de contatos entre pessoas de sociedades distintas numa outra sociedade de destino, como ocorre nos processos de imigração. Mas as mudanças fazem parte das dinâmicas culturais, e sempre vão ocorrer, de forma mais lenta ou mais rápida, dependendo das situações e processos históricos.

Com relação às demonstrações de afetos românticos, as pessoas também tendem a produzir novos referenciais culturais a partir de trocas entre culturas distintas em contato, embora, algumas vezes, perpassadas por conflitos e choques culturais. Essas trocas ainda com a influência da globalização que coloca mundos distintos em intenso contato (com muitas pessoas de nacionalidades, religiões, culturas diferentes cada vez mais próximas, quer geograficamente ou simbolicamente, ainda com a influência de filmes, novelas, etc.), possibilitam diversas mudanças sociais e individuais.

Nesse caso, será que poderíamos incluir também trocas de aprendizados afetivos, com a construção de novas demonstrações de afetos? Então, quem não costumava trocar carícias, andar de mãos dadas e até mesmo se beijar em público (trocas de afetos dentro dos padrões vistos como normais em algumas sociedades, como a brasileira) podem passar a fazer? Algo que nas sociedades de origem era visto como tabu, pode, aos poucos, se tornar recorrente e até mesmo comum?

Falando num contexto angolano, e também guineense e moçambicano, de acordo com as narrativas dos (as) interlocutores (as), o amor romântico e sua expressão em gestos como troca de carícias em público não é algo valorizado (ou comum). Ou seja, não é uma prática que facilmente se vê entre os casais desses países. Não afirmo aqui que seja num contexto geral, mas que quando acontece geram estranheza para alguns, chegando até ao ponto deste comportamento ser censurado socialmente. Isso, porque essas sociedades impõem certos limites no que se refere a troca de afetos românticos em público, não sendo algo valorizado moralmente, nem mesmo visto com bons olhos.

Assim, evidencia-se uma distinção quando comparado a expressão de afetividades de outras culturas dentro da Unilab, por exemplo, entre os casais

brasileiros. As construções sociais influenciam na forma como encaramos o que é “normal” e não “normal”, como situações podem ser naturalizadas em uma sociedade e em outra não. E com isso muitos podem vir a restringir, evitar as relações amorosas interculturais pelo fato de se sentirem pressionados (e sobretudo as mulheres) pelos padrões culturais que lhes são impostos.

Todavia, é necessário que se leve em conta os aspetos subjetivos, na relação com os padrões sociais e culturais que se impõem às sociedades, com as diversas particularidades que existem dentro de cada nacionalidade, sem esquecer as dinâmicas da cultura, que não pode ser considerada fixa nem homogênea, mas sim entendida como um processo de contínua negociação e mudança que depende das situações e processos históricos (BARTH, 2005).

## **METODOLOGIA/ESTRATÉGIAS DE ABORDAGEM**

Para a realização desta pesquisa trabalhei com as metodologias: qualitativa e com pesquisa bibliográfica sobre o tema. Segundo Goldenberg (2004), na pesquisa qualitativa a/o pesquisador não fica apenas interessado em ter uma grande quantidade de entrevistados, mas sim, buscar compreender todos os múltiplos aspectos que os/as indivíduos estão sujeitos (quer sejam eles subjetivos ou objetivos). Isto é, o interesse é o ponto de vista das pessoas envolvidas na pesquisa, as várias vozes dissonantes. E isso deve ser feito por meio de conversas aprofundadas que vão privilegiar o diálogo entre pesquisadora e interlocutores/as e não questionários fechados.

Houve um trabalho de campo onde criei um formulário no google para fazer uma pesquisa preliminar sobre o meu tema dos relacionamentos amorosos interculturais. Responderam à pesquisa estudantes guineenses, angolanos, brasileiros, e moçambicanos que estão cursando os cursos: Administração Pública, Direito, Enfermagem, Humanidades e Pedagogia.

No que se refere a namorar em público, umas brasileiras alegaram que sim, e que andar de mãos dadas, beijos, e carícias são uma forma de representar e expressar a outros que aquela pessoa com quem se está acompanhada é a pessoa amada. Diferente das angolanas(os), e guineenses, que responderam dizendo que não têm o hábito de namorar em público pois alegam ser uma prática que vai além dos seus princípios culturais.

23,8% dos estudantes brasileiros que responderam ao formulário, alegaram que relacionamentos entre pessoas de nacionalidade diferentes funcionam, mas, 61,9% de outras nacionalidades alegam improbabilidade que funcione. Devidos a fatores como intolerância, e hábitos e costumes culturais que são difíceis de se ultrapassar, fatores econômicos, linguísticos, alegando ser um jugo desigual.

Das experiências de relacionamento intercultural, uma discente brasileira relata: “é desafiador, mas que é possível sim, obter a felicidade que se almeja”.

Constatou-se, entretanto, com a pesquisa que nas demonstrações de afeto em público, o fator gênero também predomina, ou seja, quando é um homem africano tomando iniciativa não é alarmante, mas, que quando é o oposto, as mulheres africanas serão julgadas.

Uma estudante brasileira que namora um angolano na Unilab narrou como tem sido a sua experiência de relacionamento amoroso intercultural:

“É uma experiência única uma vez que são duas pessoas de culturas distintas a se conhecerem, a unir pontos que são idênticos e acostumar-se com os pontos no qual as tornam diferentes. Por experiência própria posso dizer que não é fácil manter o relacionamento quando as forças de expressões e de pensar se chocam, mas são coisas que podem ser geridas e no fim dar tudo certo. A base de um relacionamento é o diálogo”.

Desta feita, o filme foi feito com seis estudantes da UNILAB, de diferentes nacionalidades e cursos. Teve a durabilidade de aproximadamente quatro meses, e a escolha dos/as entrevistados/as interlocutores/as foi feita com base numa pesquisa exploratória anterior com pessoas que estavam num relacionamento intercultural ou inter-racial e que se disponibilizaram previamente a responder um questionário no google formulário no final, indicando ou não se teriam interesse em participar das gravações.

O filme etnográfico, produzido pela professora Daniele Ellery, minha orientadora nesta pesquisa, intitulado: Do Outro Lado Do Atlântico (Doc. 90min. Brasil/Cabo Verde) foi uma inspiração, me ajudando a expandir a concepção de produzir um conhecimento com a oralidade e realizando os registros de narrativas por meios audiovisuais.

## ETAPAS DE REALIZAÇÃO

As gravações foram feitas na casa dos/as interlocutores/as, em um ambiente fechado e reservado que pudesse contribuir para a captura do som e intimidade com as pessoas. Usamos a luz natural, e também uma ring light photo para ajudar com a luz em alguns momentos. A câmera foi uma 70 D e o gravador de áudio foi o Zoom, ambos do Núcleo de Documentação Cultural Ladeísse Silveira (NUDOC/Unilab). Para edição, usamos o programa Sony Vegas.

As gravações foram feitas por mim, e a professora Daniele, que me auxiliou com a parte técnica de utilização dos equipamentos (fotografia e som direto), além de sugestões que me ajudaram a conduzir as entrevistas, observando os critérios esperados de uma boa entrevista (em formato de conversas aprofundadas), orientando em como conduzir a conversa procurando estabelecer uma relação de confiança com os/as personagens. Assim, me baseando nessas orientações, elaborei um roteiro com perguntas, que eram feitas durante a conversa, tentando ser o mínimo diretiva possível e sem ficar olhando num caderno o tempo todo, mas sim olho no olho das pessoas.

O roteiro, que já estava praticamente na minha cabeça, continha os questionamentos abaixo:

Qual o conceito do amor romântico para ti? Costumas namorar em público? Como a família de ambas as partes lidou com o relacionamento intercultural? A diáspora pode influenciar na escolha de alguém para se relacionar? Em sua opinião, porque são pouco vistos relacionamentos interculturais e/ou interracialis na Unilab? E quando são vistos, porque na maioria das vezes são mais os homens africanos namorando mulheres de outras nacionalidades (sobretudo as brasileiras) do que o oposto? Poderia dizer se existe um padrão de certo ou errado na questão de demonstrar afetos? Poderia contar um pouco sobre suas experiências sobre como lidar com as diferenças dentro de um relacionamento intercultural? Quais os maiores desafios que você destacaria para essas relações amorosas?

Usamos a luz natural, e também uma ring light photo para ajudar com a luz em alguns momentos. A câmera foi uma 70 D e o gravador de áudio foi o Zoom, ambos do Núcleo de Documentação Cultural Ladeísse Silveira (NUDOC/Unilab). Para edição, usamos o programa Sony Vegas.

Ao longo do percurso com o filme a maior dificuldade foi o roteiro para a edição. Ter que decupar o material bruto, resumir um conteúdo de mais de cinco horas de gravações, rico de conhecimentos e saberes das experiências afetivas e trajetórias de vida dos/as interlocutores/as, em apenas 20 min de filme, foi bem complexo para mim. O que se mostrou impossível e acabei ultrapassando um pouco o tempo para conseguir concluir, pois foi extremamente difícil fazer esses recortes. Foram necessárias várias horas e dias de reflexão em selecionar as falas que infelizmente não conseguiam se encaixar por conta do limite máximo permitido para o filme, sendo esse o meu maior desafio. Já o relatório foi feito com base nas leituras de bibliografias sobre o tema do amor e realização de fichamentos durante o primeiro semestre, da experiência de gravação e montagem do audiovisual, contando com a orientação e conversas sobre os textos ao longo do desenvolvimento do projeto de pesquisa em que sou bolsista, o que me ajudou bastante na hora de produzir o texto final aqui apresentado.

## REFERÊNCIAS

BARTH, Fredrik. **Etnicidade E O Conceito de Cultura**. TRADUÇÃO: PAULO GABRIEL HILU DA ROCHA PINTO 2005

CHIZIANE, Paulina. «Eu, Mulher: Por Uma Nova Visão do Mundo». In: Ana Elisa de S. Afonso (Org.). *Eu Mulher em Moçambique*, Comissão Nacional para a UNESCO em Moçambique e Associação dos Escritores Moçambicanos, Maputo, 1994, pp. 11-18.

\_\_\_\_\_. *Niketche: uma história da poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CRENSHAW, Kimberlé W. (2002) “**Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero**”. *Estudos Feministas*, ano 10, n° 1/2002, pp. 171-188.

DO OUTRO lado do atlântico. Direção: Daniele Ellery Mourão e Márcio Câmara. Produção: Deberton Filmes. Fortaleza: Euphemia Filmes, 2016. digital/full HD (90 min).

GODENBERG, Mirian, *A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais* / Mirian Goldenberg.-8° ed-Rio de Janeiro: Record, 2004.Inclui glossário

MAUSS, Marcel. *A expressão obrigatória de sentimentos (1921)* \*. São Paulo: Ática, 1979

NOGUERA, Renato. *Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor* / Renato Nogueira. — Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020

OYÈWÚMI, Oyèronké. Family bonds/Conceptual Binds: African notes on Feminist Epistemologies. *Signs*, v. 25, n. 4, p. 1093-1098, 2000.

REZENDE, Claudia Barcellos e COELHO, Maria Cláudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. Série Sociedade e Cultura, 2010, 136 p.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo e BENZAQUEM DE ARAÚJO, Ricardo. “**Romeu e Julieta e a origem do Estado**”, in: VELHO, Gilberto. *Arte e Sociedade: ensaios de sociologia da arte*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977, p.130-169